



+ Saulo Laranjeira faz show beneficente para radiologista alagoano. B4

Domingo 20/09/2015



DANÇA DE PÉS E CABEÇAS

ARTE. Mesclando contemporâneo e popular, Companhia dos Pés chega aos 15 anos pensando no lugar da dança no nosso cotidiano; criada em 2000, trupe se dedica não só aos palcos, mas também a uma profunda pesquisa do que é levado até eles

DÁRCIO MONTEIRO

Por meio da dança, grupo levanta algumas perguntas: Qual o tempo que as pessoas estão dando para ficar consigo mesmas? E para estar com o outro?

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

“A história da gente alagoana é a história de uma gente quase anfíbia”. Assim o antropólogo, sociólogo, escritor e vizinho pernambucano Gilberto Freyre descreveu, em 1948, o povo nascido nas Alagoas. A gente forjada pelas águas e a partir delas, que se confundem com lagoas, mares e rios, inspirou a definição do estudioso, que, por sua vez, inspiraria Dirceu Lindoso em seu “Interpretação da Província” – a frase aparece logo no prefácio do livro.

Tal inspiração segue navegando até hoje, mesmo tanto tempo depois de saída da mente de Freyre, e agora parece ter aportado entre as cabeças da Companhia dos Pés, que prepara um novo espetáculo, o “Dança anfíbia”, bebendo entre outras, mas também nessa fonte. Mais maduro que nunca, o grupo chega aos 15 anos em 2015 aparentando já estar na fase adulta há certo tempo. Se houve uma adolescência na trupe formada e dirigida pela pesquisadora e dançarina Telma César, ela foi rápida.

Envolvida em profundas pesquisas a respeito da relação entre o contemporâneo e as danças populares, a Cia. surgiu em 2000, da vontade de Telma em estudar justamente isso, a fusão entre dois aspectos da mesma cultura. Recém-

saída da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, onde desenvolvia um mestrado no tema, foi para a terra das lagoas que ela decidiu regressar para continuar investigando – e, acima de tudo, para colocar em prática – o que vinha sendo analisado na academia.

Assim, surgiu o primeiro espetáculo, então com um elenco de 28 pessoas, recrutadas entre bailarinos e atores, o “Pé, Umbigo, Coração”. “Convidei algumas pessoas que faziam balé, outras que faziam teatro e começamos o trabalho. O espetáculo que montamos tinha o mesmo nome do meu mestrado. Estava dando início ao que queria desenvolver, que era essa relação entre a dança contemporânea e a cultura de tradição popular”, conta.

Desde então, foram 11 montagens e muito estudo ao longo dessa década e meia. No portfólio, constam “Variações para Café com Pão”, de 2001; “Yerma Maria da Silva”, de 2003/2004; “Tudo está por começar”, de 2005; “Ciranda Branca”, de 2006; “Poética da Cidade” – este ganhador do Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna –, de 2008; “Miami dos mendigos”, de 2009; “Qual é a história que você quer que eu conte?”, de 2010; “Dentrofoadentro”, de 2010/2011; “Azulquente”, de 2011; “Encontros”; e agora “Dança baixa”.



TELMA CÉSAR

DANÇARINA E CRIADORA DA COMPANHIA DOS PÉS

“Temos experimentado públicos bem diferentes e a resposta tem sido muito bacana. Aqui no interior foi muito bonito como as pessoas estavam abertas a receber um espetáculo que trabalha com coisas que poderiam gerar muita estranheza, e até geraram, como a nudez, o silêncio, o não movimento. Chegar em uma cidade do interior com um espetáculo onde os dançarinos começam nus, praticamente parados, e depois escutar o que as pessoas percebem, entenderam, foi muito gratificante”

Desenvolver a pesquisa, porém, nem sempre foi fácil, como conta Telma. “Foi difícil dar continuidade à pesquisa e comecei a desenvolver outro projeto, que era um estudo mais em relação ao espaço, focando a relação com o espaço urbano. Nesse período, não estava com elenco fixo. Trabalho com pesquisa de movimento, então preciso ter um tempo com o grupo, o que voltou a acontecer a partir de 2008”.

O elenco fixo a que ela se refere é formado, atualmente, por quatro pessoas, numa espécie de seleção natural dos 28 que iniciaram a trajetória. Além da diretora, integram a Companhia dos Pés os dançarinos Regis Oliveira, Joelma Ferreira e Edson Santos. Com o grupo, que já se firmou há certo tempo, os estudos podem ganhar mais maturidade e, principalmente, mais complexidade. Nesse processo, cada um se coloca também como criador.

“Encontrei pessoas que entendem o ‘fazer dança’ como produção de conhecimento, como pesquisa, que se colocam como criadores. Quando comecei, isso foi muito árduo, pois era coisa do outro planeta aqui. Também não tínhamos subsídio, faltava interlocução e faltava estrutura. Isso foi muito difícil, mas tem algo que faz a gente não desistir. Acho que agora é um momento mais feliz”, classifica ela.

DANÇA BAIXA

A última configuração dessa pesquisa é justamente o espetáculo Dança baixa. Utilizando-se de movimentos mais próximos ao chão – daí o nome –, a montagem propõe uma reflexão um tanto quanto diferente partindo de alguns questionamentos. O primeiro deles feito para os próprios bailarinos (qual a sua dança?), para, a partir daí, seguir para as próximas perguntas: Qual

o tempo que as pessoas estão dando para ficar consigo mesmas? E para estar com o outro?

“Essa era a questão do trabalho enquanto o que eu queria discutir com a obra. E também que tempo você está dando para se relacionar com o seu entorno, a sua cultura, o que está perto de você. Quando as pessoas assistem, quero provocá-las, que elas se vejam ali. Utilizo os elementos da nossa cultura para, de alguma maneira, provocar as pessoas a se perceberem nessa dimensão, no lugar que elas estão, eu consigo, eu com o outro, eu com o meu lugar”, comenta Telma.

Com 45 minutos de duração, a obra provoca por meio de imagens poéticas, da relação com a sonoridade, com a luz. As possibilidades de leitura estão abertas para quem está do outro lado, na plateia, e chegam a partir do mergulho íntimo que vem com o que se vê no palco, algo repleto de intimidade e ancestralidade. Sem qualquer enredo ou história, Dança baixa apresenta, ainda, elementos novos ao público.

“Temos experimentado públicos bem diferentes e a resposta tem sido muito bacana. Aqui no interior foi muito bonito como as pessoas estavam abertas a receber um espetáculo que trabalha com coisas que poderiam gerar muita estranheza e até gera-

ram, como a nudez, o silêncio, o não movimento. Chegar em uma cidade do interior com um espetáculo onde os dançarinos começam nus, praticamente parados, e depois escutar o que as pessoas percebem, entenderam, foi muito gratificante.”

A montagem, na verdade, já tem certa intimidade com os alagoanos. Ela é uma “evolução” de “Encontros”, grande sucesso da companhia. “Surgiu em meio ao processo de criação e transformação de ‘Encontros’, apenas em 2015, após a realização da circulação pelo Nordeste e pelo interior de Alagoas, quando pudemos amadurecer e firmar a ideia de que ‘Dança baixa’ seria um título que diria mais sobre a versão atual”, explica.

O espetáculo, porém, dá um passo além e chega mais longe do que seu antecessor – as questões, agora, passam também pelo lugar reservado à arte. “Nesse momento acho que estou abordando um aspecto mais político da pesquisa, de pensar no lugar dessas danças populares socialmente e no lugar da dança contemporânea que se faz aqui no Nordeste e no Estado. Que lugar temos? Como nos situamos nele, em especial na relação com a cultura local?”.

Responder às interrogações, contudo, promete requerer ainda mais pesquisa. **Continua na página B2**